

FBACFEIRA BRASÍLIA DE
ARTE CONTEMPORÂNEA

Parceria com o **Correio** amplia a representatividade de galerias localizadas em outras cidades do DF, como A Pilastra (Guará), Risofloras (Ceilândia Norte) e RAXIV (São Sebastião)

Visibilidade também periférica

Acervo pessoal

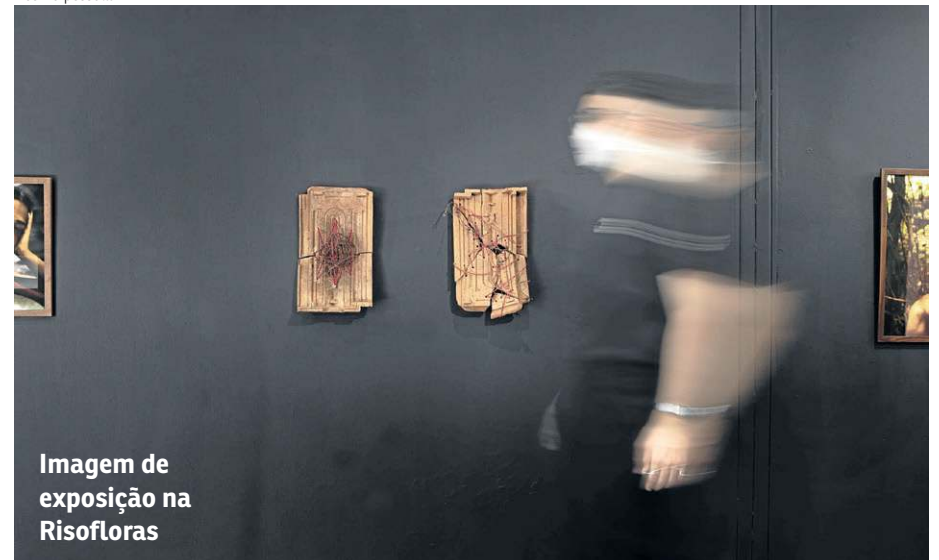


Imagem de exposição na Risofloras

Material de divulgação

» RICARDO DAEHN

N uma medida de valorização das produções artísticas em regiões administrativas da capital do país, que estão fora do circuito abastado, a FBAC investiu numa parceria com o **Correio** batizada de Projeto Radar. Apresentar projetos curatoriais, num estande repleto de novidades artísticas de três galerias serve de meta. A Pilastra (Guará), Risofloras (Ceilândia Norte) e RAXIV (São Sebastião) foram os núcleos valorizados pela ação.

A galeria Risofloras teve por gênese o intuito de dar visibilidade a novos talentos das artes periféricas. “Muitas vezes, a nossa arte não é reconhecida como tal. Então perdemos muitos artistas jovens periféricos por causa desta falta de reconhecimento. Participar da FBAC é muito simbólico, por estarmos afirmando a questão da produção artística”, avalia Rayane Soares, curadora da Risofloras.

Rayane demonstra o entusiasmo de artistas que, primeira vez, participarão de uma feira de arte. “Talvez, um deles venda um produto artístico, e pela primeira vez. Vai ganhar uma renda, por estar produzindo. A feira trará o engajamento, o incentivo e indicativo de novas oportunidades”, simplifica.

Gestora da galeria-escola e ecossistema de arte A Pilastra, a curadora e produtora cultural Gisele Lima celebra a adesão do grupo no Projeto Radar, com representatividade de artistas do Guará. “Criado em 2017, o coletivo abraçou artistas em formação, mas sem acesso a galerias. O nosso núcleo é uma reposta indireta às ações afirmativas que partiram das universidades, a partir de um



A Pilastra, do Guará, é uma das galerias que estará presente na feira

público que se revelou diversificado”, avalia a jovem Gisele, formada em teoria crítica e história da arte (UnB).

Na proposta do grupo da galeria A Pilastra, a ocupação de parte do estande na FBAC se dará com a impressão da forte personalidade do grupo. Experimentação e a produção livre notada em corpos dissidentes norteiam o conjunto que traz muitos ex-alunos da UnB. “Apostamos na gama vasta de minorias, entre os quais negros, criadores LGBTQIA+, deficientes e encampamos um pioneirismo, com a representação de artistas trans”, conta Gisele.

Inicialmente reunidos no Setor de Oficinas (QE 40, Guará 2), na promoção de estúdios, vivências e saraus, os artistas experimentaram a construção de redes

profissionais formadas ainda por curadores, produtores culturais e técnicos. “Misturamos as realidades, para intercâmbio e fortalecimento. Lidamos com artistas nem sempre iniciantes, nem sempre periféricos”, observa Gisele Lima.

Nessa levada, haverá mescla de artistas com relativa projeção, como Suyan de Matos (envolvida em criações têxteis, pinturas e bordados), vista como “uma artista, mentora, negra e referencial”, junto a artistas a caminho da popularidade, casos de Isabelle Prado e de Wendela Alves (ambas artistas da fotografia) e Ayô, produtora de desenho mural, arte em tecido e pinturas.

Localizada em frente ao Campo Central e movida por ideais de liberdade e acessibilidade, a RAXIV

Galeria traz a difusão, produção e promoção da arte e cultura periférica, fomento do registro e pesquisa da história de São Sebastião. Sob direção artística de Ricardo Caldeira, um grupo de artistas residentes contempla a curadora Dani Dumoulin.

Suplantar estereótipos de escassez e marginalidade impulsionam os artistas que comandam exposições sensoriais e espetáculos de vendas de obras, num artifício de sustentação e autonomia para a galeria. Dança, consciência corporal, diversidade sexual, performances, grafites e design gráfico são alguns dos recursos para afirmações de vocabulário, história e memória territorial.

Colaborou Nahima Maciel